

Copiado e entendido: a recepção de propaganda política dentro das forças de segurança privadas na era das redes sociais descentralizadas

Copied and understood: political propaganda reception within the private security forces in the decentralized social networks era

André VOUGA¹

Resumo

Esse artigo pretende retratar percepções obtidas na investigação do consumo de mídia e de seus efeitos em grupos escolhidos em meio a trabalhadores da segurança privada. Seu foco recairá principalmente sobre os elementos que contribuem para a construção das visões de mundo e do entendimento da realidade que os cerca, envolvendo mais propriamente discussões sobre temas políticos e sociais. O processo de pesquisa se deu por ambientação etnográfica entre esses grupos, alternando entrevistas livres e observações do consumo midiático e das trocas realizadas em redes sociais. Para o balizamento do material obtido, recorreram-se a atualizações das discussões frankfurtianas sobre os elementos constitutivos do pensamento de extrema direita europeu no entreguerras e diversas teses a eles interligadas.

Palavras-chave: Extrema direita. Redes sociais. Psicologia. Escola de Frankfurt.

Abstract

This article intends to portray perceptions obtained in the investigation of media consumption and its effects on groups chosen among the private security forces. Its focus will mainly fall on the elements that contribute to the construction of worldviews and the understanding of the reality that surrounds them, involving more properly discussions on political and social issues. The research process was based on an ethnographic setting among these groups, alternating free interviews and observation of media consumption and exchanges carried out on social networks. To guide the analysis of the obtained material, updates from Frankfurterian discussions on the constitutive elements of European extreme right-wing thinking in the interwar period and various theses interconnected were used.

Keywords: Far rightwing. Social networks. Psychology. Frankfurt School.

Introdução

Nas últimas décadas, assistimos intensas mudanças nos sistemas comunicacionais que permeiam nossa sociedade, já extensamente caracterizadas nas pesquisas da área. Um

¹ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense. Professor da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: vouga.andre@gmail.com

aspecto de especial interesse recai em observar como, dos efeitos desses fenômenos, derivou um incremento na velocidade na qual sistemas de articulação social, como as formas tomadas pela propaganda política, podem ser testadas e instaladas. Historicamente, mudanças nos ecossistemas comunicacionais têm resultado em rearranjos surpreendentes e eventualmente problemáticos nos jogos políticos. É muito citado, por exemplo, como a rápida e agressiva apropriação que os partidos fascistas da Europa entre guerras fizeram de meios nascentes naquela altura, tais como o rádio e o cinema, foi fundamental para seu sucesso. Quando parece que assistimos a um novo ciclo de redefinição do ecossistema comunicacional e de sua assimilação por forças políticas de caráter assemelhado, é fundamental o exercício analítico desses processos.

Nossa contribuição viria de uma tentativa de obter algumas visões próximas deles, a partir do detalhamento dos ecos da recepção midiática em um grupo social escolhido, particularmente sensível a esses discursos, os trabalhadores da área de segurança. Assim, buscamos mapear junto a eles, de modo mais específico, os impactos de materiais recebidos por meio de suas redes sociais, relacionados a temas de interesse político, procurando inclusive elaborar em profundidade suas percepções sobre esses materiais. Dessa forma, esse artigo é um retrato parcial desse processo de pesquisa ainda em andamento. Nele desdobramos um aspecto fundamental localizado durante as entrevistas, constituindo-se no núcleo organizador de identificação com base no qual esse grupo elabora suas leituras da realidade. A partir disso, traçamos sua conexão com aparatos teóricos desenvolvidos diante de construtos históricos assemelhados, derivados de outros momentos de ascensão popular da extrema direita, marcadamente associados às leituras frankfurtianas dos quadros sociais do entreguerras.

Ao campo

Pretendemos particularmente capturar em profundidade os impactos do cadinho formado entre o “espírito geral do tempo”, descrito acima, e a situação particular vivida em nosso momento político, a partir do contato aprofundado com um contexto limítrofe de sua expressão. Assim, em nossa pesquisa de campo, conduzimos entrevistas com uma amostra de trabalhadores de corporações paramilitares ligadas ao universo da segurança. O objetivo é buscar manifestações de grupos especialmente sensíveis e aderentes a nova extrema direita. Além de observações de canais nos quais outros deles supostamente

apresentam o “cotidiano” de seu trabalho. O maior intuito desse segundo corpo de atuação foi capturar temas para levar ao trabalho de campo, de forma a mapear a recepção desses discursos. A proposta principal foi detalhar a articulação das diferentes concepções, comumente localizadas nesses grupos, com o trabalho de comunicação procedido regularmente pela extrema direita atual.

O trabalho de campo tem consistido em contatos regulares com pequenos grupos formados por agentes ligados às corporações de segurança privada, nos quais procuramos fazer com que eles apresentem suas percepções sobre temas sociais escolhidos a cada momento. Também buscamos estimular que eles apresentem materiais que considerem referenciais para a construção de seus pontos de vista. O grau de retorno obtido em termos da abertura ao diálogo tem sido variável, mas tem progredido de modo razoavelmente satisfatório, considerando as condições artificiais de interação e os receios intrínsecos causados por nossa posição.

Os pesquisados nos franquearam acesso eventual aos conteúdos que circulam em seus grupos de *WhatsApp*, nos quais são marcantes alguns aspectos específicos. Um dos mais visíveis é a presença de “notícias” diferenciadas daquelas circulantes na chamada grande mídia, contando com aspectos de escândalo moral apontados para os adversários escolhidos a cada momento. Também há uma boa proporção de notícias com origem na mídia tradicional, mas divulgadas com manchetes com tintas carregadas nos adjetivos e no clamor moral direcionado às questões típicas desse grupamento.

Para esboçar um retrato inicial do relacionamento deles com os caminhos pelos quais se informam e de como constroem os critérios de credibilidade aos quais submetem suas fontes, trazemos alguns excertos das conversas com nossos entrevistados.

Podemos indicar que, no geral, foi comum percebermos visões bastante pragmáticas dos processos de informação, das quais o exemplo abaixo pode ser definido como representativo:

“Era bom poder acreditar em tudo que dizem por aí, mas isso nunca vai rolar. Todo mundo quer emplacar sua estória” (T., agente de segurança privada)

Quando perguntados se chegam a checar as informações que recebem, vários dos entrevistados assumiram que não o fazem.

“Não gosto de ser enganado, mas a gente nem pensa muito nisso direito quando tá distraído no telefone. Vai é repassando, pela graça e coisa assim.” (J., agente de segurança privada)

Alguns citam confiar especificamente naqueles que enviam os materiais. Outros dizem nem se preocupar muito com isso. Obtivemos um único depoimento numa direção diferente, que retratamos a seguir:

“Às vezes, chego a dar uma pesquisada quando esbarro com qualquer coisa mais estranha, mas não faço isso direto, não. É mais comum, no máximo, eu perguntar no grupo do zap do povo aqui, porque sei que tem gente ligada nas coisas por lá” (M., agente de segurança privada)

Há casos nos quais aparece certa consciência da influência da coletividade sobre os processos de formação de critérios de avaliação da informação. Em geral, apontando mais no outro que em si:

“Acho que a maioria vai de arrasto, meio na inocência. Tem muita “Maria vai com as outras” mesmo.” (E., agente de segurança privada)

Também aparece, com alguma frequência, um desejo de fundo de construção de uma postura mais crítica, mesmo que seu ponto de referência seja bastante diferenciado daqueles tipicamente encontrados no mundo dos pesquisadores:

“Queria que tivesse algo mais legal do que essas coisas que recebo, mas menos ruim que essas outras coisas aí da mídia” (I., agente de segurança privada)

Outras vezes, as percepções críticas são relativamente alinhadas às encontradas na visão acadêmica na área de comunicação, apenas menos envoltas em abstração:

“As coisas são assim. Cada canal tem seu dono lá, e só fala o que ele quer falar.” (A., agente de segurança privada)

Eventualmente, aparece uma ideia com interesse particular para nossas discussões: o recurso às habilidades construídas na vida profissional, como fator organizador da sensação de competência para lidar com o problema da qualificação da informação.

“No meu trabalho, cada testemunha sempre tinha a visão dela, as coisas nunca batem 100%. A gente sempre tira uma média. A gente vai ficando calejado, vai pegando a manha disso.” (N., agente de segurança privada e policial militar reservista)

Pode-se destacar também uma parcela de material muito explícito em termos da violência retratada, com comentários que reiteram suas posições de conhecedores do “submundo”.

Além disso, a visão de autoridade e de experiência policial, dado que boa parte dos entrevistados é constituída por policiais reformados, tem um sentido de profundo contato com a práxis social, que permitiria elaborações de visões que não estariam disponíveis para outros atores. Esse é um fator de “orgulho identitário”, acionado em contraposição a discursos de origem acadêmica ou de classe.

“O Brasil não é essa coisa limpinha que a Globo mostra. Quem tá na pista é que sabe” (M., agente de segurança privada)

Assim se define uma noção tribal, que divide o mundo entre o “nosso” lado, portador de uma consciência mais profunda sobre os problemas “reais” e os remédios amargos necessários para resolvê-los, e os demais, que não teriam acesso à possibilidade de observação mais próxima da realidade, nem consciência dela. Com relação aos “remédios”, eles são parte constituinte fundamental do desejo de liberdade de ação comumente encontrado entre os entrevistados. Essa vontade é bastante condensada em alguns dos materiais que eles recebem, contendo violência explícita contra supostos marginais, que foram circundados com falas como esta que vemos a seguir:

“Hoje o pessoal diz por aí que não pode mais matar bandido e essas coisas. Daí eles estão ficando por aí, pra fazer de novo.” (M., agente de segurança privada)

Ao mesmo tempo, eles próprios por vezes entendem que a sociedade tende a tratá-los dentro da contrapartida dessa lógica, algo como lixeiros sociais, que lidam com os rejeitos com os quais outros grupos têm medo ou nojo de se aproximar.

“E é a gente que rala o coco com eles depois. Não vocês. Nem mais ninguém.” (G., agente de segurança privada)

Análise

Um recorte bastante observado pelo nosso grupo de pesquisa, no bojo dos depoimentos recolhidos, remete ao problema do valor social atribuído às formas mais empíricas de se conhecer o mundo. Em seu relato sobre o experimento democrático estadunidense, Tocqueville (2019) já indicava como a premissa de igualdade, que

norteava aquele contexto, criava uma tendência ao esvaziamento do respeito por marcadores de autoridade em relação àquilo que ele observava na Europa. Mostrava que se, por um lado, essa noção trazia consigo a possibilidade de uma saudável liberação de imposições tecnocráticas, por outro, já continha um embrião do refutamento aos sistemas formais de conhecimento. O autor já citava aí o exemplo dos paradigmas científicos formados em longos anos de estudo numa determinada área.

Talvez não surpreenda tanto que, daquele mesmo contexto, tenha emergido um dos principais campos férteis para a instalação de versões problemáticas desse tipo de questionamento na atualidade. Rushdie (2021) relata que quase a metade daqueles que se declaram republicanos consideram as universidades maléficas e que a principal elite a ser enfrentada seria formada basicamente pelos intelectuais, escritores, jornalistas e assemelhados. Também esse mesmo tipo de repulsa aos especialistas foi característica no *Brexit* e em outros movimentos de extrema direita do contexto europeu.

Para além dessa questão mais constitutiva, os fatores associados a essa ruptura são múltiplos, mas alguns são citados com maior frequência. Por exemplo, a progressão da sensação de hermetismo do discurso acadêmico para a população em geral. Outro aspecto viria da progressão do fundamentalismo religioso, apegado a alguns parâmetros incompatíveis com o discurso científico contemporâneo. Ao mesmo tempo, o sistema acadêmico se mostra mais interligado a visões progressistas, num contexto de intensas transformações comportamentais. O negacionismo científico aparece aí como estratégia de resistência ao desencantamento do mundo trazido pela modernidade, como identificado por Max Weber, que ameaça romper funções organizadoras da existência presentes na moral tradicional.

Simultaneamente, ainda se coloca a diferença entre os padrões típicos do discurso acadêmico e aqueles encontrados no jogo político. Arendt (1967) fala de uma certa oposição entre a verdade, no sentido de contato com a realidade, e o fazer político, que busca apontar esperanças de transformação. Considerando as escaladas limítrofes nas quais a extrema direita carrega esses processos, ela indica que o melhor sujeito para os regimes totalitários é aquele para o qual a distinção entre verdade e mentira já não interessa. Vale lembrar que a criação desse sujeito também se dá pela deslegitimação dos demais sistemas de geração de autoridade de conhecimento, com empoderamento do testemunho do “homem comum”.

No grupo estudado, esses aspectos possivelmente têm contribuição das sensações trazidas pelo monopólio da violência em composição com o porte de armas e o mando de autoridade. Inclusive, em alguns dos depoimentos coletados, conseguimos encontrar fragmentos desse aspecto. Isto é, a suposição de que uma parte fundamental do contrato que rege a relação dos corpos de segurança com o resto da sociedade estaria numa liberdade de ação quase irrestrita, necessária pelo grau de força que precisam empregar, em função da dimensão do problema que enfrentam. Nesse sentido, se aproximam da forma que a palavra liberdade vem assumindo no discurso de extrema direita, apontada para um eixo excessivamente individual, ou seja, de liberdade de ação inconsequente. Nessa estrutura de pensamento, o que se contrapõe é a “leniência com o crime”.

Assim, essa oposição se expande numa dimensão maior que aquela focada na angústia com os índices de violência cotidiana. Envolve toda uma escatologia social explicadora de suas posições políticas, calcada na percepção de que só depois do fim geral do “arrego para a bandidagem em todos os níveis”, de uma espécie de grande transição regeneradora, o país “voltaria a caminhar”. Enfim, se estabelece aí uma ampla conexão com um estado geral de anomia, que percebemos estar conectado com uma leitura comum do processo político. Dentro desse cadinho borbulham elementos como a sensação de uma decadência moral geral da sociedade, com o pressuposto de que diante do seu “descalabro” cabem estratégias extremas de contenção. Conforme observado, os entrevistados reconstroem constantemente o senso de que fazem parte do grupo central encarregado dessas ações. Nesse sentido, para organizar, muitos passariam a desejar um líder análogo à figura freudiana do pai da horda originária. Alguém que teria a força para enfrentar “isso tudo”, mesmo que seja no tranco, na bala. (Safatle, 4/8/20). Na psicologia de massas do fascismo de Reich (2001), a noção de grande pai ligado ao líder aparece como mais operante para a maioria do que uma visão de coletividade de classe, tendo em vista os processos culturais de constituição de costumes e visões da sociedade, baseados na subordinação familiar. Seriam inclusive questões centrais para o enfeixamento dos sistemas paramilitares das SA e SS.

Além disso, há ainda um outro desdobramento de importância do ideário apresentado pelos entrevistados. A fixação da figura do “outro”, do inimigo a ser combatido. Nas Origens do Totalitarismo, Arendt (1989) indica ainda a relevância da ruptura narcísica do eu para a definição dos construtos do fascismo. Lidando com o isolamento dentro competição capitalista, o ego precisaria de um ponto de descarga, de

um outro, culpado pelo seu fracasso. Hoje possivelmente representado pela figura do “vagabundo”, fato que se conecta com uma discussão clássica sobre a micropolítica do autoritarismo, na medida em que pequenos atores locais, vigilantes, se interessam pela instauração do ambiente autoritário que os empodera, a partir do combate a essa figura, o inimigo comum.

Os frankfurtianos também buscavam o entendimento das questões psicológicas subjacentes ao fascismo, quando se perguntavam como boa parte dos trabalhadores alemães tinham se movido da adesão original ao socialismo e ao comunismo para o partido nacional socialista. Uma das possibilidades aventadas, mas não desenvolvida plenamente, foi a instituição da chamada sociedade dos *rackets*. Existem resquícios desse conceito no Eclipse da Razão de Horkheimer (2015) e na sua copublicação com Adorno, na Dialética do Esclarecimento (1991). Em ambos, compara-se o gangsterismo que havia emergido da Lei Seca nos EUA com os padrões de apropriação das estruturas do Estado por grupos específicos, orientados por conexões de lealdade, já observadas dentro dos corpos paramilitares presentes na ascensão do nazismo.

Para os dois casos, a questão de fundo trata da práxis da máfia que tomou as instituições de forma geral, no judiciário e na política, com o império da lei, dando lugar às relações cotidianas e pessoais de “proteção”. Dessa forma, a autoridade legitimada foi parcialmente substituída pela coerção crua, e o monopólio da violência pelo Estado, apontado por Weber, mostrou aí seus limites. Na visão de Horkheimer, os trabalhadores mimetizaram o modelo de sujeição que lhes era aplicado. Assim, o fascismo viria de um aprofundamento do que a sociedade moderna já emanava ao ser repressora em várias de suas dimensões cotidianas.

Para Adorno (2020), as democracias são frágeis por suas contradições inerentes e também pelos abusos praticados cotidianamente contra elas, causando ressentimentos, caracterizados pela aspiração por encaminhamentos antissistêmicos. Logo, as agitações fascistas não são estranhas à democracia liberal, mas sintomas de suas falhas intrínsecas, como conceito irrealizado que, por isso, seguirá provocando essas formas paranoicas de rebeldia. E, como a distopia econômica se autojustifica, são as instituições políticas que pagam o preço da manutenção do regime, recebendo essa carga emocional negativa.

Assim, abre-se espaço para o esvaziamento do conteúdo da política, com a sua redução à aceitação da dominação incondicional, explicando porque os movimentos fascistas exibem grande flexibilidade de atuação, derivando no que Adorno chamou de

“práxis sem conceito”. O progressivo renascimento da extrema direita decorreria da exploração desses flancos por uma fração dos grupos dominantes.

Nesses escritos, já se esboçava uma análise inicial do que viria a ser chamado mais recentemente de “democracia limitada”, caracterizada pelo uso de estratégias transversais de extrapolação de poder, aplicadas em instâncias menos sensíveis ao escrutínio social direto, como ocorre no caso do judiciário e de seus órgãos de investigação. Singer et al (2021) mencionam um processo atual de crescimento insidioso de um autoritarismo furtivo, baseado em elementos desse gênero. Ajudado inclusive pela direita liberal, quando esta perde as chances de projeção de poder por vias eleitorais, no que chamam de “pequeno monstro conceitual”, por conta de seu aspecto paradoxal.

Entretanto, de fato, essa conexão não é estranha à própria matriz da teorização liberal. Hayek (2010) louvou a perseguição aos comunistas feita por Hitler, ao seu ver, ela foi forçosa para “reorganizar” a Alemanha no entreguerras. Mises (2010) deixou em seus escritos que a intervenção do fascismo salvou a civilização europeia e participou do governo colaboracionista da Áustria. Friedman foi conselheiro da ditadura Pinochet, usando aquele contexto autoritário como laboratório radical para experimentar suas ideias econômicas. Além disso, teóricos da chamada Escola de Chicago citaram de forma frequente e aberta a importância da despolitização da população. Como lembra Klein (2007), esses economistas propuseram reiteradamente a aplicação massiva da chamada doutrina do choque, visando causar grande desorganização cognitiva para conseguir instaurar novos padrões de pensamento. No caso, para fazer valer premissas de interesse do capital em meio a sociedades reticentes.

Desse modo, entende-se que o caos informacional é do interesse dos promotores do capitalismo contemporâneo. Ocorre que atualmente presenciamos um momento de especial oportunidade para estabelecê-lo, por conta da instituição de um novo ambiente midiático, no qual o volume e a velocidade das mensagens são intensos, para o qual a maioria tem baixa literacia. Dentro dele, cria-se um contexto continuamente carregado de notícias dúbias, que faz com que, por contraste, as mais amenas entre elas vão se tornando progressivamente mais palatáveis para a absorção. Procede-se, então, à testagem constante de narrativas, jogam-se muitos contos simultâneos nesse sistema, para verificar aqueles que ganham tração e aproveitá-los na continuidade do trabalho, num processo de tentativa e erro. Dessa forma, acabam se estabelecendo as histórias que melhor trazem apaziguações das clivagens internas dos sujeitos. Além do mais, junta-se a questão de que

realidades cotidianas cada vez mais traumáticas têm determinado uma tendência à intensificação de fuga para leituras imaginárias.

Sabe-se que um fator reiterador dessas visões é o seu eco dentro de mecanismos tribais estruturantes, sendo que um dos focos de Adorno era indicar como o fascismo explorava imaturidades psicológicas, trabalhando a evitação do pensamento, visto como problemático e perigoso, por meio da ênfase em valores como o apreço à ordem e à subserviência. Nossos mecanismos de heurística, os que atuam sem muita elaboração, se instalaram numa época na qual precisávamos definir rapidamente quem agia em sintonia com nosso grupo ou não, formando rapidamente o conceito de amigos ou de inimigos. Não é à toa que apelar ao tribalismo é uma estratégia comum de campanha. Um aspecto que se fortaleceu, nesse sentido, derivou da progressiva oportunidade de formação de comunidades de nicho na Internet, com visões extremadas. No bojo dos tempos que vivemos, o fortalecimento de questões de caráter tribal desempenha um papel fundamental na articulação e na legitimação de ideários que, há pouco tempo, tinham uma circulação mais restrita a pequenos grupos, menos visíveis no esquema da grande circulação de ideias.

Uma dimensão importante para pensar esses processos deriva da ênfase da impessoalidade nas sociedades modernas, indicada desde o nascimento da sociologia moderna por Max Weber, Simmel e Durkheim. Essa discussão foi retomada pelos teóricos de Frankfurt, em síntese com o marxismo, indicando o aspecto totalizante do capitalismo, remetendo a como este organiza em filigrana os aspectos da vida atual. (LÖWY, 2014)

Enquanto o feudalismo se estruturava a partir de relações pessoais, nas formas recentes do ordenamento econômico, o algoz se torna progressivamente indefinido. Porém o vínculo trabalhista típico da era industrial ainda continha algo de relacional. A atual tendência à plataformização do trabalho leva a mais passos no sentido de eliminar conexões pessoais e instituir a transação como forma social generalizada.

Um elemento articulador desse movimento aparece na radicalização do fetiche do contrato, analisado por Mouffe (2002), ao questionar um pressuposto fundante do liberalismo: “tudo vale se homens livres estão de acordo”. Essa é a fórmula da qual deriva, por exemplo, a “opção” de aceitar péssimas condições de trabalho, sendo uma essência do liberalismo manter a ilusão de que pessoas com poderes muito diferentes representam partes iguais, que conseguem tecer acordos justos entre si. Neste aspecto, o exemplo atual

mais evidente vem dos processos de plataformização, uma das principais bases para um processo mais generalizado de “comoditização” das relações e das identidades. Da solidão que aí emerge, dentro da competitividade generalizada, forma-se outro elemento fundante das articulações identitárias que retratamos.

Considerações finais

A proposição deste artigo é magnificar as percepções de certo grupo social, para trazer à discussão seus mecanismos constitutivos. Assim como uma longa tradição do campo da antropologia, ainda aparecem os dramas envolvidos em traduzir a visão de outros grupos, tentando manter uma visão distanciada, procurando expandir o que podemos saber sobre eles, sem esvaziar sua complexidade ou fixar demais sua identidade. Buscar a nuance é parte fundamental de se trabalhar com lentes próximas.

É importante frisar que as formações estudadas não são absolutas. Os pesquisados não são modelos ideais weberianos, mas pessoas recortadas por inúmeras complexidades. Os dados descritos acima podem se apresentar como grandes balizadores em ações momentâneas, seguidas por momentos com outros tipos de elaboração, até mesmo crítica a esse conjunto de ideias. Vale lembrar que entre vários grupos de nossa sociedade não é incomum que mesmo os mais progressistas endossem questões pontuais de caráter mais conservador, a exemplo da escalada do punitivismo penal.

Também é importante destacar que muitas pessoas apoiam a extrema direita em processos temporários, com base em desejos bastante legítimos como os ligados à melhoria da segurança pública ou do aprimoramento ético da política. Além disso, muitas das premissas usadas para avaliar seus candidatos podem ser alinhar igualmente com outras escolhas à esquerda ou à direita, como no caso da busca de um salvador da pátria.

Vale lembrar também que, ao seu modo, a nova ultradireita tem apoio complexo, originado de diferentes grupos, que enfeixam visões bastante díspares: alguns enfocam mais as causas comportamentais, outros a desconstrução dos direitos trabalhistas e a “liberdade de empreender” e outros o intervencionismo militar. Também têm origem em grupos que se organizam a partir de diferentes sistemas identitários, cada um deles com o seu ecossistema informacional, com desenhos específicos. Assim, não é fácil traçar generalizações a partir de quaisquer amostragens, não sendo essa a pretensão deste trabalho. De qualquer modo, o olhar próximo a qualquer fenômeno social carrega

possibilidades fecundas de discernimentos e de elaboração de perguntas para direcionar estudos mais amplos.

No entanto, apesar de sempre serem perpassados por todos esses tipos de negociação, os elementos que descrevemos aqui aparecem como referências e diretrizes para uma melhor compreensão das bases sobre as quais se assenta a possibilidade da reaparição da relevância da extrema direita dentro do jogo democrático, como assistimos no momento, podendo ajudar a explicar também a transição atual: de uma era quando havia otimismo em relação à sociedade da informação para aquilo que a Organização Mundial de Saúde conceituou como infodemia, termo que indica um adoecimento dos sistemas de trocas públicas.

Referências

ADORNO, T e HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991

ADORNO, T. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. São Paulo: UNESP, 2020

ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

ARENDT, Hannah. **Verdade e política**. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5144219/mod_resource/content/0/ARENDT%2C%20Hannah%20%281967%29%20Verdade%20e%20pol%C3%ADtica.pdf publicado em 1967 - acessado 21/3/21

HAYEK, Frederick. **O caminho da servidão**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

HORKHEIMER, M. **O eclipse da razão**. São Paulo: Unesp, 2015.

KLEIN, Naomi. **Doutrina do choque: a ascensão do capitalismo do desastre**. Nova Fronteira, 2008.

LÖWY, Michael. **A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014

MOUFFE, Chantal. **Politics and passions: the stakes of democracy**. London: Centre for the Study of Democracy, 2002

REICH, W. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RUSHDIE, Salman. **Languages of truth**. New York: Penguin Random House, 2021

SAFATLE, V. **Melancolia do poder.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NtqCR5845XY>. Acesso em: 4 ago 2020.

SINGER, A; ARAÚJO, C e BELINELLI, L. **Estado e democracia:** uma introdução ao estudo da política. Rio de Janeiro, Zahar, 2021

TOCQUEVILLE, A. **A democracia na América.** São Paulo: Edipro, 2019

VON MISES, Ludwig. **Liberalismo segundo a tradição clássica.** São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010